



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

GEOVANE FERREIRA DE SANTANA JÚNIOR

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CRÍTICAS À EDUCAÇÃO ALEMÃ E SUA RELEVÂNCIA PARA
A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**CAMPINA GRANDE
2024**

GEOVANE FERREIRA DE SANTANA JÚNIOR

**NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CRÍTICAS À EDUCAÇÃO ALEMÃ E SUA RELEVÂNCIA PARA
A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Filosofia da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do grau de licenciatura em
filosofia.

Área de concentração: Filosofia da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S232n Santana Junior, Geovane Ferreira de.

Nietzsche e a educação: críticas à educação alemã e sua relevância para a educação brasileira [manuscrito] / Geovane Ferreira de Santana Junior. - 2024.
23 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação,
2024.

"Orientação : Prof. Dra. Gilmara Coutinho Pereira,
Departamento de Filosofia - CEDUC".

1. Educação. 2. Educação brasileira. 3. Ensino de filosofia.
4. Ensino médio. I. Título

21. ed. CDD 370

GEOVANE FERREIRA DE SANTANA JUNIOR

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CRÍTICAS À EDUCAÇÃO ALEMÃ E SUA RELEVÂNCIA
PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em Filosofia

Aprovada em: 22/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **José Arlindo de Aguiar Filho** (***.433.004-**), em **26/11/2024 09:28:43** com chave **f98dddf2abf111ef891206adb0a3afce**.
- **Gilmara Coutinho Pereira** (***.728.144-**), em **26/11/2024 08:59:42** com chave **ebc9e0a2abed11efad6b06adb0a3afce**.
- **Carlos Antonio de Souza** (***.686.524-**), em **26/11/2024 10:28:22** com chave **4ef82d4eabfa11efbfb2618257239a1**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 23/03/2025

Código de Autenticação: fe1145



Aos meus pais, Janaice e Geovane, que sempre me incentivaram e me apoiaram em todos os meus sonhos, através de muito amor, paciência e respeito, é por todo esforço de vocês que cheguei até aqui, DEDICO.

“A pobreza de espírito pedagógico de nossa época; eis que estão ausentes justamente os talentos realmente inventivos, eis que faltam os homens práticos, quer dizer, aqueles que têm ideias boas e novas e que sabem que a verdadeira genialidade e a prática correta devem necessariamente encontrar-se no mesmo indivíduo”

(Friedrich Nietzsche, *Escritos sobre educação*)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	07
3	AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE À EDUCAÇÃO ALEMÃ	08
3.1	<i>As tendências educacionais.....</i>	09
3.2	<i>Instituições de ensino e instituições educacionais.....</i>	10
3.3	<i>O ensino histórico da filosofia.....</i>	11
4	O SISTEMA EDUCACIONAL DE ENSINO BRASILEIRO.....	12
4.1	Ensino para o trabalho.....	12
4.2	Novo ensino médio.....	14
5	A ESCOLA COMO ESPAÇO DE ESTÍMULO À LIBERDADE E AUTONOMIA DOS ALUNOS	16
5.1	O gênio.....	16
5.2	O ensino de filosofia além da historicidade	17
5.3	Liberdade e autonomia no ensino-aprendizagem.....	19
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21
	AGRADECIMENTOS.....	23

NIETZSCHE E A EDUCAÇÃO: CRÍTICAS À EDUCAÇÃO ALEMÃ E SUA RELEVÂNCIA PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

NIETZSCHE AND EDUCATION: CRITICISM OF GERMAN EDUCATION AND ITS RELEVANCE TO BRAZILIAN EDUCATION

Geovane Ferreira*

RESUMO

O objetivo central deste trabalho é o estudo da crítica expressada por Friedrich Nietzsche ao sistema educacional da Alemanha do Séc XIX, as principais ideias e críticas lidas e analisadas partem, principalmente, do texto “*sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*” presente na obra “Escritos sobre educação” de 2004, que reúne cinco conferências ocorridas em 1872. O termo proferido pelo filósofo alemão para designar o movimento educacional de sua época é a “moral de rebanho”, onde a educação é feita para padronizar e domesticar os indivíduos para atender os interesses do Estado e do Mercado. Este trabalho de conclusão de curso aborda também como a educação brasileira atualmente uniformiza os estudantes e as estudantes por meio do currículo, da formação para o trabalho e reprodução de informações e valores pré-estabelecidos, a fim de fundamentar um paralelo entre a crítica nietzschiana a educação de seu tempo e a realidade contemporânea vigente nas instituições brasileiras, especialmente no ensino médio. Para além da crítica, é relevante também explorar a proposta para educação do filósofo alemão, que tem como objetivo central emergir sujeitos autênticos, singulares e críticos.

Palavras-Chave: padronização; especialização; novo ensino médio; autonomia.

ABSTRACT

The main objective of this work is to study the criticism expressed by Friedrich Nietzsche of the 19th century German education system. The main ideas and criticisms read and analyzed are mainly based on the text “*On the future of our educational establishments*”, which appears in the 2004 work “*Writings on Education*”, which brings together five conferences that took place in 1872. The term used by the German philosopher to designate the educational movement of his time is “herd morality”, where education is designed to standardize and domesticate individuals to meet the interests of the state and the market. This final paper also addresses how Brazilian education currently standardizes students through the curriculum, training for work and the reproduction of pre-established information and values, in order to draw a parallel between Nietzsche's critique of the education of his time and the contemporary reality in Brazilian institutions, especially in secondary education. In addition to the critique, it is also important to explore the German philosopher's proposal for education, which has as its central objective the emergence of authentic, unique and critical subjects.

Keywords: standardization; specialization; new secondary education; autonomy.

* Estudante de Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba, geovane.junior@aluno.uepb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um dos instrumentos que detém o maior poder de transformação sobre os indivíduos de uma sociedade. O sistema educacional pode influenciar fortemente a cultura, a filosofia, a política, o trabalho e todas as instâncias que os estudantes estão inseridos dentro da sociedade. Inicialmente, este artigo apresenta o contexto educacional que Friedrich Nietzsche estava inserido, marcado pela unificação da Alemanha, onde o ensino se torna uniforme e massificado em todo o território, fortalecendo uma identidade nacional alemã.

A partir da segunda seção, este trabalho expõe as principais críticas proferidas por Nietzsche, enquanto professor, em suas conferências a respeito do futuro dos estabelecimentos de ensino alemães. As críticas partem do pressuposto que existem duas tendências dentro do sistema educacional que empobrecem a cultura, a primeira é a tendência da extensão máxima da cultura, que uniformiza o currículo, priorizando o ensino profissional, e a segunda tendência é a redução cultural, que diz respeito a especialização do ensino, formando os profissionais para funções específicas. Além disso, ao longo da seção, será apresentada a distinção entre instituições de ensino e instituições educacionais e, como cada uma delas possui uma finalidade distinta com a formação do sujeito. Por fim, a seção apresenta a crítica nietzschiana ao ensino histórico da filosofia presente nesses estabelecimentos de ensino alemães.

Posteriormente, o trabalho analisa o sistema educacional Brasileiro, especialmente no Novo Ensino Médio (NEM), tomando como base referencial a Lei de diretrizes de Bases (LDB), e as políticas educacionais do Plano Nacional de Educação (PNE) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No Brasil, apesar de termos características culturais e estruturais bastante diferentes do ensino alemão, nota-se algumas semelhanças nas críticas apontadas por Nietzsche, principalmente em relação à padronização do ensino, ao ensino técnico, à historicidade do ensino filosófico e a desvalorização das disciplinas humanísticas. Além disso, o artigo evidencia a distinção que ocorre entre instituições educacionais e instituições de ensino no Brasil, especificamente no ensino médio, onde a formação profissional tem ocupado um espaço cada vez maior.

Conclui-se este trabalho com uma análise acerca da proposta educacional nietzschiana, que destaca a escola como espaço de estímulo à liberdade e autonomia dos alunos, promove o surgimento do gênio, como ser capaz de desenvolver todas as suas potencialidades. Além disso, destaca a importância de aperfeiçoamento das aulas de filosofia para além da historicidade, neste sentido, o espaço escolar deve estimular a criatividade e a expressão individual como parte do processo educativo. Este trabalho busca expandir a consciência do leitor sobre os prejuízos causados pela escassez da filosofia, da arte e do pensamento crítico nas escolas, que priorizam um ensino massificador e padronizado, pensado para atender o Mercado de trabalho e o Estado.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Friedrich Nietzsche (1844 -1900) expressou severas críticas à educação alemã vigente em sua época, em uma série de cinco conferências realizadas em

1872, na Universidade da Basileia, onde era professor. Intitulada *sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (2004), as duras críticas de Nietzsche destinavam-se à supervalorização de uma educação massificada, à propagação excessiva de uma pseudocultura e à desvalorização do ensino da autêntica cultura (*kultur*) em relação ao ensino tecnicista presente nos estabelecimentos de ensino alemães.

Zubem (2020) descreve que a Alemanha do século XVII até o início do século XVIII estava fragmentada em diversos estados independentes, comandados por príncipes. Após a vitória da Prússia na Guerra Franco-Prussiana, houve a necessidade de agregar os estados alemães ao seu redor. O processo de unificação foi concluído em 1871, liderado por Otto von Bismarck. A Alemanha agora era um estado-nação, mas era necessário uniformizar a cultura e o ensino, que estavam diversificados. A partir dessa premissa, os estabelecimentos de ensino adotaram um padrão nacional, onde todos recebiam a mesma formação, cultura e instrução, com o objetivo de forjar uma identidade nacional alemã.

Diante desse cenário, o ensino deveria ser uniforme em todos os estados que agora compõem uma mesma nação, afim de que a identidade alemã se desenvolva e se fortaleça. Todos os estados germânicos passaram a receber a mesma educação, visando homogeneizar a cultura, que se tornaria popular e difundida por todo o território, estimulando um patriotismo que levaria a nação a níveis mais elevados: “A Alemanha foi pioneira entre as nações europeias no que diz respeito à estruturação de um sistema público de ensino organizado e regido pelo Estado” (Silva, 2019, p. 10). Assim, a educação passou a seguir os padrões estabelecidos pelo Estado e tornou-se obrigatória para a cidadania alemã.

O objetivo da unificação da Alemanha foi garantir que todos os estados germânicos se fortalecessem para preservar a nação e, através da instrução, preparar a sociedade para as novas necessidades econômicas decorrentes do crescente processo de industrialização. Tornou-se necessário o ensino tecnicista e profissionalizante, que visa formar mão de obra especializada para suprir as demandas do mercado. Isso significa investir em uma formação rápida e especializada para ocupar funções que atendam à escassez do mercado e da indústria, onde os estudantes aprendam a ser funcionários eficientes e a ganhar dinheiro rapidamente, ampliando o mercado interno e aumentando o capital nacional.

3 AS CRÍTICAS DE NIETZSCHE À EDUCAÇÃO ALEMÃ

A partir do contexto educacional da segunda metade do século XIX, Nietzsche (2004) faz duras críticas à padronização estrutural nos estabelecimentos de ensino. Na *segunda conferência* o filósofo alerta sobre a pobreza de espírito pedagógico e a ausência de talentos realmente inventivos, segundo ele: “[...] eis que faltam homens práticos, quer dizer, aqueles que têm ideias boas e novas” (p. 67). Suas críticas se destinam exclusivamente ao ensino alemão, onde o ensino estava em crescente foco na formação profissional, deixando em segundo plano a formação cultural do indivíduo: “ele afirma que a formação ofertada nas instituições de ensino alemãs visa apenas formar indivíduos para o trabalho, quando deveriam promover uma educação que tivesse por objetivo assegurar a elevação cultural do indivíduo.” (Zubem, 2020, p. 74). Além disso: “elencas que os estabelecimentos de ensino de sua época não estariam contribuindo para o desenvolvimento da cultura, ao contrário, eles preocupavam-se em subsidiar as necessidades da vida.” (Hosson,

2024, p. 5). Assim, o filósofo denuncia a predominância do ensino profissional nesses estabelecimentos, observa-se que o problema reside na precariedade do ensino humanístico, que deve priorizar a individualidade, a reflexão e a criação de novas ideias.

A educação não estava mais voltada para a formação integral do homem, baseada no ensino dos ideais clássicos, visando à elevação cultural do indivíduo que explora todas as suas potencialidades sem intenções utilitaristas. A inquietação pertinente de Nietzsche reside na recusa do ensino profissionalizante como prioridade nesses estabelecimentos, os quais preparam os jovens para ingressarem rapidamente no mercado de trabalho, sem uma devida maturação e autonomia intelectual. Desta forma, a cultura autêntica perde espaço para uma pseudocultura fabricada pela indústria, na qual o foco é aprender a ganhar dinheiro e, posteriormente, gastá-lo, mantendo assim o mercado em atividade.

A formação voltada para o mercado de trabalho frequentemente adota uma abordagem tecnicista e utilitarista, relegando a verdadeira cultura a um papel secundário. Essa abordagem tende a uniformizar os currículos, priorizando saberes já estabelecidos e necessários para o desempenho profissional. Esse tipo de ensino, muitas vezes, promove uma moral de rebanho, incentivando as pessoas a conformarem-se aos princípios e motivações predominantes na sociedade, resultando em comportamentos previsíveis e padronizados.

Os indivíduos são encorajados a adotar atitudes e seguir regras que se alinham às normas estabelecidas pelo sistema, pelo estado e pelo mercado, moldando-se conforme um ideal de ser humano que se encaixa nas verdades dominantes. Como Hosson e Zubem apontam, os estabelecimentos de ensino acabam por se converter em meros fornecedores de habilidades necessárias para a sobrevivência utilitária, ao invés de promoverem o desenvolvimento cultural e intelectual de indivíduos autônomos e livres.

A cultura segundo o pensamento Nietzscheano proporciona às pessoas seu pleno desenvolvimento, sendo de grande valor para a formação humana. É através da cultura que o indivíduo é capaz de realizar a transvaloração dos valores, um processo no qual os valores tradicionais são desafiados e substituídos por novos. Isso gera novas ideias e reflexões capazes de promover mudanças criativas na vida, concebendo a filosofia, as ciências e as artes como os três principais campos nos quais a cultura se realiza.

Analisando as diferentes etapas do ensino alemão, Nietzsche destaca a importância do ginásio como base fundamental da educação, sendo o ponto de partida para os jovens terem contato com a cultura através do estudo linguístico da língua materna (Grego e Latim). Ele critica a modernização do ensino, especialmente a falta de prioridade dada ao ensino da língua materna, em detrimento da cultura clássica: “nesse contexto, entra outro problema, a saber, os professores ‘filólogos eruditos’ que, abusando de um estilo jornalístico, deturpam os clássicos através de um olhar superficial, para que sejam ‘ingeríveis’ com maior facilidade pelas massas.” (Silva, 2019, p. 19). Essencialmente, Nietzsche argumenta que a educação no ginásio deveria fornecer uma base sólida para o estudo e apreciação dos clássicos, mas o ensino deficiente da língua materna e a abordagem equivocada dos professores acabam por prejudicar essa missão. Isso ressalta a importância não apenas do conteúdo ensinado, mas também da qualidade dos métodos de ensino e da formação dos próprios educadores.

3.1 AS TENDÊNCIAS EDUCACIONAIS

Nietzsche (2004) observa que nos estabelecimentos de ensino alemães existem duas tendências educacionais aparentemente opostas, mas que levam para o mesmo resultado: o empobrecimento da cultura. A primeira diz respeito à extensão da cultura, que pode ser traduzida como massificação, uniformização e padronização; e a segunda tendência é a redução da cultura, que consiste na especialização profissional, afunilando a formação do indivíduo em uma área específica e causando o distanciamento dos conhecimentos culturais gerais. Ambas as tendências visam suprimir e eliminar as individualidades humanas:

Esta extensão é um dos dogmas da economia política mais caros da época atual. O máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidade possível: - eis mais ou menos a fórmula. Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível. [...] A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão ‘correntes’ quanto possível, um pouco no sentido que se fala de uma ‘moeda corrente’. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a se tornar ‘corrente’, formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e lucro. (Nietzsche, 2004, pp. 61 e 62)

A extensão cultural universaliza os saberes para todos, em todo o território, garantindo ao Estado uma nação comprometida com o progresso e o ganho financeiro, capaz de atender às necessidades das instituições. Sendo utilitarista, grande parte da formação é concebida com fins profissionais, visando suprir a demanda de mão de obra do mercado. O ensino deve ser rápido e eficiente para formar homens correntes, indivíduos que gerem lucro rapidamente e, conseqüentemente, movimentem a economia através do consumo, proporcionando o máximo de felicidade.

A redução cultural está relacionada à especialização, que produz o erudito, com amplo conhecimento em uma área específica, mas que se estreita demasiadamente nessa área e se distancia das demais: “o problema da especialização está nos limites que essa impõe à criação, à descoberta do novo, pois condiciona esse profissional” (Carvalho, 2012 p. 30). Dessa forma, a divisão do trabalho na ciência, através da especialização, resulta no aniquilamento da cultura, pois o conhecimento do indivíduo se torna limitado, e tal erudito só consegue transmitir um conhecimento ainda mais afunilado a outros indivíduos. Essa redução cultural é voltada para uma área técnica, permitindo que as instituições promovam a divisão do trabalho entre funcionários especialistas, úteis à sociedade e ao mercado, segundo o filósofo:

Assim, um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinada, tarefa na qual ele atinge, é preciso dizer, uma incrível virtuosidade. (Nietzsche, 2004, p. 64)

A partir dessas duas tendências (ampliação e redução da cultura), percebe-se que o conhecimento e a formação ensinada nos estabelecimentos de ensino têm como fim apenas a utilidade, ou seja, um ensino rápido e massificador, que prepara para o mercado, e a especialização, que forma o erudito. Enquanto o ensino para a

elevação cultural deveria originar seres únicos e singulares, tais tendências educacionais promovem o contrário, suprimindo as individualidades e gerando homens comuns, adestrados e padronizados, através de uma educação de rebanho.

3.2 INSTITUIÇÕES DE ENSINO E INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS

O filósofo argumenta que esses estabelecimentos são importantes, pois garantem a subsistência dos indivíduos, no entanto, ele observa que eles falham em proporcionar uma formação cultural adequada. Nesse sentido, o que predominava na Alemanha eram instituições de ensino e não instituições educacionais. As instituições de ensino são percebidas como direcionadas principalmente para preparar os indivíduos para o mercado de trabalho e para as demandas práticas da vida, enquanto as instituições educacionais têm um foco mais amplo na formação cultural e no desenvolvimento humano.

Na visão do filósofo, as instituições de ensino tendem a seguir uma abordagem utilitarista, centrada na preparação para o mercado e na produção de mão-de-obra qualificada. Elas se concentram majoritariamente em transmitir conhecimentos e habilidades específicas que são consideradas necessárias para atender às demandas sociais e econômicas, mas muitas vezes negligenciam o desenvolvimento da individualidade e da criatividade dos educandos.

Por outro lado, as instituições educacionais são vistas como espaços que buscam promover uma cultura mais ampla e profunda, sem se limitar apenas à preparação para o trabalho. Elas valorizam a busca pelo conhecimento pelo próprio bem dele, incentivando a reflexão crítica, a criatividade e a busca pela excelência pessoal. Nesse sentido, a verdadeira educação é percebida como aquela que capacita os indivíduos a se tornarem seres únicos, capazes de explorar plenamente suas potencialidades e contribuir de maneira significativa para a sociedade. Essa distinção entre instituições de ensino e instituições educacionais expressa a importância de uma abordagem mais completa da educação, que não se limite apenas a conhecimentos técnicos, mas que também busque cultivar a mente, o caráter e a criatividade dos estudantes.

Além disso, o filósofo destaca a importância das escolas técnicas na formação profissional, mas alerta que a educação não deve se limitar apenas à preparação para o trabalho, pois a verdadeira cultura está além das necessidades materiais e da luta pela existência. Ele argumenta que uma educação voltada apenas para a formação de especialistas não pode ser chamada de educação para a cultura, pois não promove o desenvolvimento integral do indivíduo: “Para ele, o fato de se encontrar tantas similaridades entre o ginásio e as escolas técnicas ao ponto de se atribuir um tratamento igual a estas, se deve à ausência de um estabelecimento de ensino que promova a cultura autêntica.” (Silva, 2019, p. 24). A questão aqui não é a existência das escolas técnicas, elas cumprem com sua função de capacitar os profissionais, mas a falta de estabelecimentos que ensinem a cultura, que promovam o ensino dos clássicos, mas que explorem temas atuais e interessantes para os alunos, que invistam em projetos artísticos e que elaborem reflexões filosóficas autênticas, e não apenas a transmissão de fatos históricos.

3.3 O ENSINO HISTÓRICO DA FILOSOFIA

Outro fator que marcou a educação moderna foi a predominância da abordagem histórica nas universidades, que desvaloriza tanto a filosofia quanto a

arte, reduzindo-as a meros aspectos técnicos ou históricos: "Assim, os problemas que antes eram então aprofundados pelas fortes indagações e reflexões filosóficas, passaram a ser investigados por um viés histórico ou filológico" (Silva 2019, p. 22). Essa cultura histórica suprime o instinto filosófico natural dos jovens, direcionando-os para uma visão histórica dos estudos. A filosofia universitária se limita à reprodução de sistemas e conceitos, sem contribuir para o desenvolvimento do espírito humano. Além da filosofia, há também uma falta de interesse por parte das universidades em relação à arte, sendo ela um elemento primordial para a verdadeira cultura.

O ensino histórico é indispensável dentro de uma formação filosófica, é necessário estudar os Clássicos, entender a trajetória percorrida pela filosofia ao longo dos séculos, ter contato com as correntes filosóficas e os grandes pensadores. Mas a redução no ensino universitário à historicidade acaba limitando os jovens de exercerem sua capacidade argumentativa, ou seja, apenas reproduzem conceitos e ideias já criadas, mas não praticam a reflexão e o debate necessário para exame crítico de sua realidade. O ensino de filosofia, além dos estudos históricos, deveria ser capaz de despertar nos jovens um estado de reflexão e criação de novas ideias, através de indagações filosóficas e discussões em sala de aula.

As críticas apresentadas neste capítulo abordam como o ensino alemão do século XIX, no qual Nietzsche viveu, valorizava a educação massificada, padronizando os indivíduos e adestrando-os para serem funcionários obedientes do Estado e do mercado. A partir de duas tendências antagônicas – a extensão da cultura e a redução da cultura –, o ensino transmitia uma pseudocultura voltada para a formação rápida, gerando profissionais que buscavam ganhar dinheiro e, conseqüentemente, gastar cada vez mais. Essa pseudocultura estava presente no ginásio, nas universidades e nas escolas técnicas; a educação nesses estabelecimentos era totalmente utilitária, priorizando o ganho financeiro e desvalorizando a língua materna, a filosofia e a arte, que seriam o verdadeiro ideal de cultura, capaz de elevar as potencialidades individuais do homem. Tais críticas se mantêm relevantes até hoje, pois o ensino brasileiro atual apresenta certas semelhanças com esse padrão exposto por Nietzsche. O próximo capítulo analisa o ensino escolar brasileiro sob essa perspectiva, principalmente no ensino médio.

4 O SISTEMA EDUCACIONAL DE ENSINO BRASILEIRO

As críticas de Nietzsche ao sistema educacional, especialmente no Ensino Fundamental e Médio, permanecem relevantes na realidade brasileira contemporânea. A ênfase na preparação para o mercado de trabalho em detrimento do desenvolvimento cultural dos alunos, a formação de mão de obra especializada, a valorização excessiva do cientificismo em relação às ciências humanas e a abordagem histórica do ensino. Essas críticas são confrontadas com a legislação educacional brasileira e a prática pedagógica atual, evidenciando como os problemas identificados por Nietzsche continuam presentes na educação contemporânea.

Segundo Nietzsche (2004), o ensino básico é o centro motriz do sistema educacional, influenciando todas as outras instituições de ensino, inclusive a universidade. Desta forma, se se pretende reestruturar o sistema educacional brasileiro, deve-se começar pelo ensino fundamental e médio, que são a base inicial da formação humana.

A educação brasileira é acessível e obrigatória para toda a população, seja de forma gratuita ou privada, em todos os estados e municípios do país, formalizada através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a lei 9.394/1996, conforme estabelecido no Art. 4º: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade”. Além disso, o Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, estabelecido pela Lei 13.005/2014, reafirma esse compromisso e define metas para a universalização do ensino fundamental e do ensino médio para toda a população.

O currículo da educação básica é articulado pelo poder do Estado. O Ministério da Educação (MEC), em conjunto com o Conselho Nacional de Educação (CNE), elaboram as políticas educacionais do Plano Nacional de Educação (PNE) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desta forma, o currículo é padronizado em todo o território nacional, visando atender as diretrizes e metas estabelecidas pelo poder público, dentre os objetivos deste plano está a universalização do ensino e a formação para o trabalho e para a cidadania.

O Estado como responsável pela elaboração dos conteúdos e abordagens educacionais, de forma padronizada, visa fornecer mão de obra capacitada para atender as demandas do Mercado, desta forma o Estado busca, segundo o filósofo: “estabelecer uma relação necessária entre ginásio e os postos mais elevados da classe de funcionários, e também com uma grande parte dos cargos menos elevados, com o acesso à Universidade” (NIETZSCHE, 2004, p. 98). Com isso, o currículo é articulado pelo Estado, visando a ocupação de cargos que demandem profissionais capacitados para atender as lacunas do mercado de trabalho.

4.1 ENSINO PARA O TRABALHO

Percebe-se no sistema educacional brasileiro um crescente foco no ensino direcionado à preparação dos jovens para o mercado de trabalho. A Lei nº 9.394/96 (LDB), em seu Art. 2º, estabelece que a educação tem por finalidade, além do desenvolvimento pleno do educando e o seu preparo para exercer a cidadania, a sua “qualificação para o mercado de trabalho”, sendo o Estado o responsável pela função normativa do sistema educacional. As escolas de ensino médio técnico possuem essa característica ainda mais direcionada, já que seu objetivo central é especializar os estudantes em profissões técnicas.

Através desse ensino para o trabalho, a educação se torna utilitarista, formando muitos profissionais e uma grande quantidade de mão de obra qualificada para o mercado, isso gera muito lucro e movimenta a economia nacional. Mas, em contrapartida, as pessoas acabam se alienando a diversos tipos de informações que recebem. Elas deixam de buscar questionar e perdem a capacidade crítica para refletir sobre regras, ações e atitudes presentes em todos os âmbitos nacionais, sejam eles governamentais, institucionais ou da vida cotidiana. Em vez disso, estão preocupadas em ganhar dinheiro e consumir bens, seguindo as tendências do momento no mercado e sendo cada vez mais influenciadas pela cultura tecnológica atual.

É importante frisar que o ensino profissionalizante é indispensável dentro da realidade atual, onde as habilidades técnicas e profissionais são critérios obrigatórios para exercer qualquer que seja a profissão. No entanto, é essencial que essa preparação para o mercado de trabalho não seja feita em detrimento de uma formação mais ampla, que promova o pensamento crítico, a criatividade e o

desenvolvimento pessoal dos estudantes. Nietzsche criticava essa visão mais utilitarista da educação centrada no mercado de trabalho, pois, através dessa perspectiva, o ensino é voltado para atender às necessidades da vida, e deixa em segundo plano o desenvolvimento integral para além das necessidades materiais.

Nietzsche afirmou (2004) na obra já citada que, na Alemanha moderna, predominavam as instituições de ensino e não as instituições educacionais. As primeiras possuem o foco no preparo para o trabalho e para as demandas da vida prática, enquanto as segundas têm o foco amplo na formação cultural e no desenvolvimento humano. Isso reflete na educação brasileira atual, que tem o ensino direcionado à profissionalização para o trabalho. Dessa forma, o ensino de conteúdos e disciplinas que contribuem para a criatividade e o desenvolvimento de uma consciência crítica se tornam limitados, com pouco espaço de tempo para uma exploração mais aprofundada.

No Brasil, as escolas de nível médio podem ser, conforme Nietzsche, instituições de ensino, com foco na preparação para o trabalho. A educação, para ser ampla e completa, deve formar integralmente o indivíduo tanto na esfera intelectual quanto na esfera profissional. Capacitar os estudantes para o mercado de trabalho é importante, já que é por meio da profissão que a maioria dos brasileiros consegue atender às suas necessidades básicas. No entanto, é igualmente importante valorizar disciplinas que exercitem a mente sem fins utilitaristas, como filosofia, história, literatura e artes. Isso permite a formação de cidadãos com capacidades artísticas e reflexivas, promovendo uma consciência histórica e um pensamento crítico da realidade cotidiana.

Conforme discutido no capítulo anterior, Nietzsche (2004) identificou duas tendências educacionais: a extensão cultural, que se manifesta na universalização e padronização da educação em todo o território; e a redução da cultura, que se concentra na especialização do erudito. No sistema educacional brasileiro, observam-se essas duas tendências, uma vez que a tendência à extensão cultural é evidente na democratização e obrigatoriedade do ensino, assim como na elaboração do currículo comum dos sistemas de ensino, conforme estipulado no Artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases, e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A segunda tendência, de redução cultural, se faz presente no ensino brasileiro, onde as especializações são altamente valorizadas para o funcionamento da sociedade e, consequentemente, os profissionais especializados muitas vezes conseguem uma remuneração maior.

A extensão cultural tem como objetivo central criar homens correntes, através de uma educação massificada para toda a nação, que visa o lucro, ou seja, o maior ganho de dinheiro possível. Segundo Nietzsche:

A moral que está aqui em vigor exige seguramente algo de inverso, em dinheiro sonante, uma cultura rápida, para que alguém pudesse rapidamente se tornar um ser que ganha dinheiro, mas também uma cultura muito fundamentada, para que alguém pudesse se tornar um ser que ganha muito dinheiro. (Nietzsche, 2004, p. 62).

Com a reforma do Ensino Médio Brasileiro de 2017, o Estado implementou a extensão do ensino técnico à todas as séries do ensino médio. Isso pode ser atrativo para muitos estudantes, pois podem se profissionalizar juntamente com o ensino médio, tendo assim uma formação mais rápida e que vai gerar dinheiro mais rapidamente.

4.2 NOVO ENSINO MÉDIO

O Novo Ensino Médio (NEM), estabelecido pela Lei nº 13.415/2017, alterou de forma significativa toda a estrutura do ensino médio brasileiro. Entre as principais mudanças, está a ampliação da carga horária anual, a implementação da formação técnica e profissional (FTP) na grade curricular, e a flexibilização do currículo. O currículo agora é composto pelas habilidades e competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e por itinerários formativos que podem se aprofundar em área do conhecimento ou da formação técnica e profissional. As redes de ensino têm autonomia para decidir quais e quantos itinerários formativos irão oferecer.

Atualmente o Novo Ensino Médio está sujeito a um novo projeto de reforma (5.230/2023), sobre carga horária obrigatória básica e profissional em discussão no Senado Federal. Segundo a Agência Senado (2024), dentre as principais propostas da reforma, estão o aumento da carga horária, serão 2.100 horas de disciplinas básicas e pelo menos 800 horas de aulas técnicas. O que pode alterar as regras estipuladas pelo NEM de 2017 que determinam que as escolas devem destinar 1.800 horas anuais para as disciplinas obrigatórias e o restante, de 1.200 horas, para os itinerários formativos.

Essa proposta de reforma reflete a insatisfação de muitos professores e estudantes com o Novo Ensino Médio. Durante uma das oito audiências da subcomissão, a coordenadora-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Andressa Pellanda, de acordo com a Agência Senado (2024):

[...] afirmou que o novo modelo desrespeita condições mínimas para que uma educação libertadora e democrática aconteça e que também induz jovens de escolas públicas a cursarem itinerários de qualificação profissional de baixa complexidade e ofertados de maneira precária em escolas sem a infraestrutura necessária.

Dentro dessa perspectiva, o ensino brasileiro se aproxima da crítica à educação moderna de Nietzsche, acerca dos estabelecimentos de ensino voltados a atender as necessidades da vida, esses estabelecimentos têm por objetivo formar mão de obra que atenda ao mercado de forma rápida, sem um aprofundamento integral desses indivíduos para além da utilidade.

Nietzsche criticava a excessiva importância concedida ao cientificismo, enquanto as humanidades eram desvalorizadas na época moderna. Isso é refletido no Brasil: “como exemplo, a tardia obrigatoriedade das disciplinas de Filosofia e Sociologia, disciplinas humanas, em todas as séries do Ensino Médio, que ocorrera somente no ano de 2008, por intermédio da Lei nº 11.684” (Hosson, 2024, p. 9). O ensino científico possui maior importância nas políticas educacionais, pois contribuem de forma prática e material para o desenvolvimento do Estado e do Mercado. Essa priorização das ciências é importante, porém o ensino para com as humanidades fica em segundo plano, disciplinas como filosofia, sociologia e artes são reduzidas a poucas horas de aulas por semana, limitando o estudante de obter uma compreensão mais ampla da realidade e prejudicando no desenvolvimento de sua capacidade crítica e reflexiva.

A educação brasileira, assim como a educação alemã moderna do séc XIX, apresenta uma predominância da cultura histórica no ensino de filosofia. Segundo Nietzsche, o ensino se concentra nas tradições e valores estabelecidos, limitando o potencial humano:

Foi assim que lentamente, em vez da interpretação profunda dos problemas eternamente iguais, foram introduzidas as investigações e as

questões históricas, e mesmo as filológicas: agora se trata de estabelecer o que pensou ou não pensou este ou aquele filósofo, se é possível com razão atribuir a ele este ou aquele escrito, ou se esta ou aquela lição merece ser retida. Agora, nos seminários filosóficos das nossas universidades, os nossos estudantes são dirigidos a este tratamento neutro da filosofia; por isso, desde longa data, adquiri o hábito de considerar esta ciência como um ramo da filologia e de avaliar seus defensores segundo sua qualidade, boa ou má, de filólogos. (Nietzsche, 2004, p. 128-129)

No ensino médio, o ensino de filosofia tem pouca duração. No curto tempo de aula, os professores muitas vezes não conseguem promover debates sobre questões atuais, limitando-se apenas à transmissão breve de pensamentos históricos. No ensino superior, em algumas universidades, as produções acadêmicas exigem a historicidade, o estudo filológico de textos, explorando e reproduzindo ideias e pensamentos marcantes dentro da trajetória da filosofia, mas sem muito estímulo à originalidade dos estudantes, à criação de novas ideias e reflexões sobre o mundo contemporâneo.

Diante das ideias analisadas, as críticas nietzschianas à educação continuam pertinentes nos dias atuais e podem ser identificadas no ensino brasileiro contemporâneo. A massificação da educação, obrigatória e padronizada em todo o território, e o currículo elaborado pelo Estado com foco no ensino profissional são características semelhantes do ensino alemão moderno com a educação brasileira. O Novo Ensino Médio instituído em 2017 (13.415/2017), se aproxima das “instituições de ensino” apontadas por Nietzsche, que constitui uma formação rápida, com foco na profissionalização e no lucro. A consequência disso é a supervalorização das ciências em detrimento das disciplinas humanísticas, como filosofia, arte e sociologia. Além disso, no ensino de filosofia, é possível identificar a predominância da abordagem histórica, ou cultura histórica, o que deixa em segundo plano a originalidade dos estudantes, exigindo o estudo dos clássicos e atribuindo um tratamento neutro às produções acadêmicas.

As críticas ao sistema de ensino, proferidas por Nietzsche, são necessárias pois contribuem nas reflexões e discussões sobre os diversos sistemas de ensino existentes. Para além das críticas, é interessante analisar também na obra do filósofo soluções que podem contribuir no avanço e nas melhorias da educação. Na próxima seção serão apresentados alguns conceitos nietzschianos que podem contribuir dentro de uma educação libertadora, que auxilie no desenvolvimento do gênio, capaz de transformar sua realidade e dos valores nela estabelecidos.

5 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE ESTÍMULO À LIBERDADE E AUTONOMIA DOS ALUNOS

Diante da realidade apresentada acerca do sistema de ensino brasileiro, neste capítulo, apresenta-se uma reflexão sobre possíveis mudanças no sistema educacional que possibilitem despertar o gênio nos estudantes, através da valorização da arte, da filosofia e da escrita. Além disso, é importante pensar sobre o aprimoramento das aulas de filosofia para além da historicidade, envolvendo os estudantes em assuntos e temas atuais e que sejam pertinentes para discussão. Por fim, traçar o caminho percorrido para a transvaloração dos valores, durante o processo de ensino-aprendizagem, que promove a libertação e autonomia dos estudantes acerca de valores que não façam mais sentido na realidade atual.

5.1 O GÊNIO

Segundo Silva (2019), o papel da educação em sentido nietzschiano, é fazer emergir o gênio nos indivíduos, personificado na figura do artista, do filósofo, do poeta e do escritor. O gênio, segundo o pensamento Nietzschiano, refere-se ao homem que está além da cultura de sua época, um ser superior que desenvolveu todas as suas potencialidades de criação, toda originalidade do espírito humano, que destoa do padrão estabelecido pela massa de rebanho. Dessa forma, trazendo para à realidade contemporânea, o ensino deve desenvolver em cada aluno sua individualidade, ou seja, que através das aulas no ambiente escolar, o estudante seja capaz de identificar e expandir suas potencialidades, seus talentos artísticos e sua autonomia intelectual, tornando-o sujeito dono de si.

Neste sentido, para emergir o gênio nos estudantes, a educação brasileira deve promover um plano de ensino que vá além de capacitar os estudantes para as habilidades básicas, conhecimentos gerais, para mercado de trabalho e a vivência em sociedade. É válido pensar em um currículo que explore as capacidades artísticas dos alunos, como na música, na poesia, no teatro, no desenho, na pintura, na dança e em suas múltiplas manifestações. Além disso, é importante a valorização da disciplina de filosofia como espaço de discussão e questionamentos de temas atuais e pertinentes e, ainda, incentivar a escrita e a poesia dos estudantes, para o surgimento de novos escritores e novos poetas da contemporaneidade.

A arte é escassa dentro do currículo atual, falta estrutura e ferramentas que proporcionem de fato experiências artísticas imersivas aos estudantes e aos educadores. Se faz necessário o investimento em espaços e ferramentas que proporcionem o contato dos jovens com tais expressões artísticas, para que, de forma espontânea, cada um identifique e desenvolva seus talentos e inclinações. O educador, nessa perspectiva, poderia elaborar de forma interdisciplinar, dentro de sua metodologia de ensino, um aporte de conteúdos e atividades que estimulem a criatividade artística dos alunos, com o uso de ferramentas e materiais adequados para tais momentos, valorizando as habilidades dos estudantes.

A disciplina de filosofia carece de maior tempo de duração das aulas no ensino médio, pois além do conteúdo da história da filosofia e das grandes correntes de pensamentos, que são de suma importância para a introdução à filosofia, se faz necessário também trazer a filosofia para perto desses estudantes, promovendo o levantamento de questões sobre pautas atuais e pertinentes na realidade desses alunos, abrindo espaço para discussões e exposição de pensamentos.

A poesia se faz presente no ensino brasileiro majoritariamente de forma expositiva, são apresentados escritores e poetas, são realizadas leituras e estudo de textos, mas falta estímulo à produção individual desses estudantes e à valorização cultural da poesia como arte expressiva. Investir em projetos e eventos escolares que incentivem a escrita de textos e de poesias deve também fazer parte da rotina escolar, para que o exercício da escrita se torne algo natural aos estudantes, despertando o nascimento de novos escritores e novos poetas.

O despertar do gênio a que Nietzsche se refere, trazendo para a realidade brasileira de forma palpável, significa que o espaço escolar não deve ser restrito ao ensino profissional e técnico, ou apenas à transmissão de conteúdo objetivo, mas deve de forma integral, estimular a criatividade e a expressão individual como parte do processo educativo, investindo na arte, na filosofia e na escrita dos estudantes, valorizando a diversidade de ideias e o respeito às opiniões divergentes, para que a

liberdade, a autonomia e a cultura estejam de fato sendo concretizadas no processo de educacional:

O verdadeiro educador deve ter a coragem de apontar à multidão que é árduo o caminho para o conhecimento, devendo ele próprio estar consciente do longo e obstinado combate a que estará sujeito para alcançá-lo. O educador deve buscar a força para esse combate no mais recôndito de seu ser, não devendo esperar isso do doentio sistema educacional cujas falhas deve, pelo contrário, tentar suprir. (Seabra, 2004, p. 59)

Essa abordagem enfatiza a importância do educador dentro de um sistema de ensino repleto de falhas. O professor deve despertar a figura do gênio nos seus alunos, desenvolver a autonomia intelectual e o agir ativo dentro de sua realidade, com esforço constante para aprimorar seu pensamento crítico e sua criatividade. Para além do currículo estabelecido e da transmissão de conteúdo, ele deve inspirar nos seus alunos a consciência da realidade e o caráter transformador da sociedade em que tal indivíduo se encontra. O educador, neste sentido, além da responsabilidade de transmitir conhecimento, deve orientar o estudante a buscar conhecimento por si próprio, com repertório intelectual que siga seus próprios interesses e inclinações, o deixando consciente da tarefa difícil de fazer emergir o gênio interior, aquele que pensa por si próprio.

5.2 O ENSINO DE FILOSOFIA ALÉM DA HISTORICIDADE

A crítica nietzschiana à filosofia universitária retrata a predominância da abordagem histórica do ensino, que se restringe ao estudo e repetição de ideias clássicas de grandes filósofos. É importante examinar também no ensino médio até que ponto a abordagem histórica da filosofia é relevante para esses estudantes e, refletir sobre a introdução de temas atuais e pertinentes na grande curricular de filosofia:

O instinto filosófico natural inerente aos jovens foi então imobilizado pela assim chamada cultura histórica. Ou seja, esta seria a fórmula da “autodestruição da filosofia: e agora se revela em todo lugar, com este tratamento histórico das coisas, esta propensão ingênua e privada de escrúpulos de transformar o que é mais irracional em razão”. (Nietzsche, 2011, p. 149 apud Zubem, 2020, p. 21).

A contemporaneidade acontece regada por transformações tecnológicas, científicas, políticas e sociais, isso implica na mudança constante dos valores e inclinações de uma sociedade. O ensino puramente histórico da filosofia não contribui para o exercício da reflexão filosófica de forma satisfatória, é necessário que o ensino busque trazer a filosofia para a vida cotidiana do estudante, para que ele tenha um pensamento crítico perante a política, o meio ambiente, o trabalho, a religião e toda a estrutura social de sua realidade.

É importante ressaltar a importância do ensino da história da filosofia, bem como o estudo de filósofos e correntes de pensamentos que contribuíram na tradição filosófica. Porém, é fundamental a promoção do diálogo entre a tradição filosófica e a realidade contemporânea, para que ocorra uma maior identificação e engajamento dos alunos com a disciplina, estimulando o pensamento crítico sobre questões atuais da sociedade e contribuindo na formação de cidadãos mais conscientes e engajados.

O ensino de filosofia brasileiro, neste sentido, deve estimular a autonomia intelectual das novas gerações, através da promoção de debates no processo de ensino-aprendizagem que envolvam discussões de opiniões em sala de aula sobre pautas importantes e pertinentes dentro do contexto atual em que os estudantes estão inseridos, para incentivá-los a refletir sobre suas crenças, valores e dogmas enraizados ao longo de sua vida. Além disso, ao criar um espaço aberto a discussões, onde sejam respeitadas opiniões divergentes, os alunos possuem segurança na elaboração de opiniões para pautas e temas que sejam relevantes dentro da filosofia, valorizando a diversidade de ideias, criando um ambiente propício ao diálogo e à inovação.

Dentro desta perspectiva, a filosofia deve estimular os jovens a criação de novos conceitos, através da análise de ideias clássicas e de questões atuais, promovendo o surgimento de novas gerações de pensadores e jovens revolucionários, capazes de transformar valores antigos e crenças que não façam sentido na realidade atual. Dessa forma, a educação para a liberdade e autonomia será de fato presente nos estabelecimentos de ensino e, conseqüentemente, os jovens terão um pensamento crítico mais fortificado e ativo dentro de sua comunidade, do trabalho, da política, da religião e de toda estrutura social em que este indivíduo está inserido.

É válido destacar o papel do professor como sujeito transformador, que detém forte influência na ampliação da visão de mundo e do conhecimento do aluno. O mestre deve ser exemplo para o aluno, impulsionando-o para autonomia intelectual, formando sujeitos donos de si e com potencial para a transformação e criação do novo: “na visão de Nietzsche, a educação consiste em fazer compreender por meio da experiência pessoal dos estudantes, que devem ser instruídos pela exemplaridade e incentivos oferecidos pelos mestres educadores e pela influência dos clássicos do passado. ” (Silva, 2019, p. 30). Por isto, é importante que o professor, dentro de sua linha de trabalho, seja capaz de estimular os jovens a refletir sobre pensamentos conservadores, preconceituosos e limitantes que estão naturalizados em seu convívio social, bem como despertar nesses jovens suas individualidades como sujeitos únicos no mundo, sem padronizá-los a uma cultura de rebanho massificada.

Dentro da realidade brasileira, o professor de filosofia deve ministrar o ensino com base na cultura histórica da filosofia, porém não deve se limitar apenas a isto, o ensino deve despertar questões e reflexões da atualidade e do cotidiano dos alunos, gerando debates, rodas de conversa, exercício da escrita, análises sobre valores e crenças e liberdade na expressão de opiniões que sejam pertinentes à temática desenvolvida, sem se limitar à historicidade. A educação deve ser pensada para além da escola, com sentido dentro da realidade daquele que estuda, pois, uma educação puramente histórica se torna desinteressante.

5.3 LIBERDADE E AUTONOMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM

Os principais objetivos da educação nietzschiana consistem em possibilitar a libertação, desenvolver a autonomia e promover a elevação cultural do estudante, para que então, ele seja capaz de reavaliar (transvalorar) os valores impostos à sua realidade presente. Alguns aspectos de seu pensamento contribuem para a reflexão acerca do processo educacional brasileiro, os objetivos educacionais observados pelo filósofo devem ser avaliados e repensados para que, de forma efetiva, a

liberdade e a autonomia sejam alcançadas dentro do processo de ensino-aprendizagem. Esse processo pode ser dividido em três fases:

Então, pode-se sustentar que a educação nietzschiana representa também uma passagem, um caminho que vai do indivíduo domesticado, massificado (animal de rebanho), passando pela fase de desconstrução, destruição das correntes, dos valores que o tornaram medíocre (ações que correspondem ao processo de libertação), gerando, por fim, um indivíduo superior capaz de promover a construção, a elaboração de novos ideais, valores (apresentando agora a autêntica autonomia). (Zubem, 2020, p. 82)

Segundo Zubem, o processo de transvaloração dos valores e rito de passagem dos estudantes, pode ser entendido através da metáfora nietzschiana sobre o discurso das três metamorfoses do espírito, presente na obra *Assim falava Zaratustra*. Neste discurso, o filósofo explica como o espírito se transforma em camelo, do camelo para o leão e por fim, do leão para a criança. O camelo é o animal de rebanho, massificado, homem corrente, que vive em função das necessidades econômicas e dos valores já estabelecidos. O leão é a fase de libertação desses valores e crenças que foram impostos, é considerado a quebra das amarras do camelo, a rebeldia. A criança é a fase do espírito que conquista a autonomia para criação do novo, representa a inocência, a pureza e o começo, é nessa fase do espírito que o indivíduo é capaz de construir novos valores.

O indivíduo domesticado se refere aquele que segue a massa, concorda com as ideias e os pensamentos dominantes, sem pôr em dúvida a validade dos valores estabelecidos por outros. O homem corrente tem como função trabalhar e servir, é o animal de rebanho expressado por Nietzsche, que vive em função de satisfazer as necessidades econômicas, alimentando uma falsa ideia de liberdade que acredita ser alcançada ganhando dinheiro e gastando, esse homem domesticado não altera sua realidade, se conformando sempre com os valores morais que lhe são impostos.

A noção de liberdade criticada por Nietzsche, ainda muito propagada atualmente, traduz a liberdade como o desejo de consumo e o poder de compra. É necessário trabalhar muito para ganhar dinheiro e ter liberdade para saciar seus desejos de consumo: “Esse conceito de liberdade parece ter invertido a natureza do homem, pois se antes ele consumia para viver, agora ele só vive para consumir” (Zubem, 2020, p. 81). Essa noção distorcida de liberdade fomenta o ensino profissional como o principal objetivo educacional dos jovens, para ingressar rapidamente no mercado de trabalho e ganhar dinheiro. Dessa forma, a proposta de Nietzsche visa a “libertação da liberdade”, ou seja, alterar a forma como a noção de liberdade impera na consciência dos indivíduos, os libertando das correntes e do pensamento presente na massa. Esse processo é composto pela identificação e abandono de convicções, crenças, dogmas e valores pré-estabelecidos, sendo a libertação uma condição para a autonomia, pois é necessário avaliar e pôr em dúvida as ideias e valores tradicionais, para poder criar novas ideias e novos valores.

A autonomia empregada por Nietzsche, como objetivo educacional, visa estabelecer nos educandos a necessidade de inovação, de criação de novas ideias e novos valores, essa parte do processo educacional estimula o desenvolvimento reflexivo e a criação, através de espaços de diálogo e debate durante as aulas, estimulando a exposição de ideias e pensamentos autônomos e autênticos, além disso, o exercício da autonomia deve ultrapassar os muros da escola, despertando no educando questionamentos dentro do contexto no qual ele está inserido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche foi um filósofo atemporal, seus pensamentos são investigados e discutidos até hoje. Como observado neste trabalho de conclusão de curso, o filósofo alemão denunciou os problemas existentes nos estabelecimentos de ensino alemães do século XIX, após a unificação da Alemanha. Suas principais críticas se destinam a duas tendências educacionais: o ensino padronizado e ao ensino profissionalizante, denominados também neste trabalho como extensão e redução da cultura. Mesmo depois de alguns séculos, suas críticas permanecem relevantes quando se investiga o cenário educacional contemporâneo, principalmente no ensino médio brasileiro.

Verifica-se na educação brasileira, predominantemente no ensino médio, um crescente foco em relação ao ensino voltado para o mercado de trabalho, os estudantes recebem uma formação rápida, concluindo seus estudos em um curto período de tempo e, conseqüentemente, irão entrar no mercado de trabalho, gerando assim mão-de-obra e movimentando a economia brasileira. Além disso, dentro da nova grade curricular do ensino médio, verifica-se que as disciplinas tradicionais estão perdendo espaço para itinerários formativos da escolha do aluno, mas que são ofertados pela escola de acordo com critérios e possibilidades definidos pela equipe escolar.

O pensamento nietzschiano nos fornece uma reflexão para pensar no ensino onde a liberdade e autonomia sejam o foco principal, é necessário que a educação busque retirar os estudantes da posição de rebanho, para que sejam capazes de avaliar e modificar valores os quais não condizem com sua autonomia e o seu pensamento individual de mundo, é através de uma educação emancipadora que os jovens alcançaram a autonomia e a liberdade necessária para criar e desenvolver novas ideias, dentro deste mundo onde a massa é guiada pela classe dominante.

Em posse desse trabalho, entende-se que a educação brasileira contemporânea possui determinadas semelhanças ao modelo apresentado no contexto alemão em que o filósofo viveu. Mas, é importante ressaltar que o ensino proposto por ele é aristocrata, sendo inconcebível sua aplicabilidade no ensino médio público brasileiro, que tem como base a democratização e o acesso à educação a todos os cidadãos. Porém, algumas nuances de seu pensamento contribuem de forma significativa para uma reflexão acerca de mudanças necessárias ao ensino atual.

A educação brasileira necessita de mudanças em sua estrutura curricular, especialmente no aumento da carga horária das disciplinas humanísticas, como filosofia e artes. Além disso, é importante pensar em um ensino de filosofia que apresente para além do caráter histórico, reflexões que façam sentido dentro da realidade dos estudantes, para que a filosofia não seja puramente uma reprodução de ideias de filósofos, mas um instrumento que instigue os jovens a semear sua autonomia e seu caráter transformador do mundo em que vive.

Em suma, a mudança estrutural do sistema educacional de ensino médio é algo atual e pertinente, é necessário pensar propostas de ensino que ultrapassem este caráter utilitário que está em vigor. As críticas nietzschianas sobre os estabelecimentos de ensino alemães do século XIX nos alertam sobre a importância de se pensar e criticar o sistema educacional brasileiro do século XXI.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Brasília DF. 17 de Janeiro de 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/01/17/ensino-medio-pode-passar-por-nova-reforma-em-2024>. Acesso em 07/05/2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, Ministério da Educação. 2017b.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. Resolução CNE/CEB nº 06/2012 Ministério da Educação, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases Da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Senado Federal, 1996.

CARVALHO, Ana Laura Lopes. **A educação aristocrática em Nietzsche: uma educação para todos e para ninguém**. Orientação de Silvio Donizetti de Oliveira Gallo. Campinas, SP: [s.n.], 2012. TCC. (1 recurso online (71 p.)), il., digital, arquivo PDF. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1619227>. Acesso em: 18 mar. 2024.

HOSSON, Natália Santos Abul. **Nietzsche e educação: a extemporaneidade de suas críticas**. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XIII/18.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

NIETZSCHE, F. **Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino**. IN: **Escritos sobre Educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

SEABRA, Antonio. **Nietzsche filósofo da educação: vontade de potência e educação**. 2004. 141 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2004.

SILVA, Pedro Feitoza da. **A crítica nietzschiana sobre a "barbárie cultivada" na formação humana**. Orientação de Prof. Dr. Julio Cesar Kestering. Campina Grande, PB; 2019. Pós-graduação em filosofia. Arquivo PDF. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/23069/1/PDF%20-%20PEDRO%20FEITOZA%20DA%20SILVA.pdf>. Acesso em: 18/04/2024.

ZUBEN, M. de C. V.; MEDEIROS, R. R. **Nietzsche e a educação: : autonomia, cultura e transformação**. *Trilhas Filosóficas*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 71–93, 2020. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RTF/article/view/1803>. Acesso em: 29 fev. 2024.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira, sua disponibilidade e dedicação tornaram essa jornada muito mais rica e agradável. Agradeço pelo apoio e pelas sugestões de leitura que me guiaram ao longo do caminho. Suas orientações e conversas sempre foram valiosas e me ajudaram a enxergar o tema de novas maneiras.

A minha avó Josefina Maria de Jesus, que sempre foi um grande exemplo de gentileza e afeto. Sua sabedoria e amor incondicional me motivaram a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores.

As minhas irmãs Vanessa e Vanusa, por sempre estarem ao meu lado, cuidando e protegendo. A presença e o apoio de vocês significam muito para mim.

Aos professores do Curso de Filosofia da UEPB, em especial, Prof. Dr. Allyson pereira de Almeida, Prof. Dr. Carlos Antônio de Souza, Prof. Dr. Arlindo de Aguiar Filho e Prof. Dr. Valmir Pereira, que sempre foram grandes inspirações para mim. Suas aulas e ensinamentos foram fundamentais na construção da minha formação acadêmica e profissional.